

QUITRIDIOMICOSE: INFORMAÇÕES SOBRE ESTA DOENÇA



Foto © Save The Frogs 2013



Gustavo Ruano Fajardo e Tamí Mott
Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde
Av. Lourival Melo Mota s/n
57072-970 - Maceio, AL, Brasil.
Emails: ruano.gustavo@yahoo.com;
tamimott@yahoo.com

Declínio dos anfíbios em escala mundial

Mais de 40% das 7.000 espécies de anfíbios atuais estão em declínio em todo o mundo. Vários fatores são responsáveis por este cenário, tais como o desmatamento, poluição, aquecimento global e doenças. Recentemente, o fungo *Batrachochytrium dendrobatidis* (*Bd*) revelou ser uma grande ameaça para os anfíbios. Animais infectados com este fungo pode desenvolver a quitridiomíose, uma doença que pode ser letal para algumas espécies de anfíbios. Os primeiros surtos desta doença foram documentados na década de 1990, simultaneamente, na Austrália e na América Central, e desde então o fungo já foi encontrado em mais de 520 espécies de anfíbios e tem sido associada ao declínio de populações e/ou extinções em várias regiões do mundo. Alguns sinais clínicos típicos da infecção em anfíbios adultos incluem a hiperemia da pele (vermelhidão) seguida de morte (Figura 1). Em girinos, o *Bd* infecta apenas o aparato oral e não é letal, porém após a metamorfose, esta infecção pode se tornar letal para a espécie.



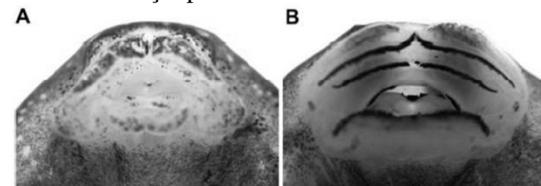
Photo © Save the Frogs 2013

Espécies de anfíbios infectadas pelo quitrídio no Brasil

No Brasil, 41 espécies de anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas), principalmente da região sul da Mata Atlântica revelaram estar infectadas pelo fungo *Bd*. Até o momento, nenhum declínio de anfíbio brasileiro foi atribuído especificamente ao *Bd*, entretanto, a maioria desses estudos foi realizada com girinos.

Para a região norte da Mata Atlântica, *Bd* foi encontrado em girinos da perereca *Hypsiboas freicanecae*, no município de Jaqueira, no estado de Pernambuco e, recentemente em girinos de *Hypsiboas freicanecae* e *Aplastodiscus sibilatus* em um riacho permanente na Mata da Bananeira, da Estação Ecológica de Murici (ESEC Murici), estado de Alagoas. Este fungo pode apresentar uma distribuição mais ampla na Mata Atlântica e medidas mitigadoras para evitar sua dispersão são recomendadas para evitar sua propagação em áreas sem a presença de anfíbios infectados pelo fungo.

Fotos de girinos de *Hypsiboas freicanecae* e *Aplastodiscus sibilatus* da ESEC de Murici com sinais de infecção pelo *Bd*.



Lisboa et al. 2013

Medidas mitigadoras e orientações para evitar dispersão humana do *Bd*

Não existem métodos comprovados cientificamente para controlar a doença na natureza. Entretanto, medidas mitigadoras são adotadas mundialmente para evitar a dispersão do fungo *Bd* e consequentemente reduzir a ameaça de quitridiomíose nos anfíbios.

1. Os sapatos devem ser lavados e desinfetados por no mínimo um minuto com cloro (diluídos com água a 10%) e depois secados completamente. Este procedimento deve ser repetido cada vez que entrar em um corpo d'água que já tenha sido detectado *Bd*. Os pneus dos veículos também devem ser lavados e desinfetados com cloro a 5 %.



2. Se encontrar anfíbios mortos ou doentes, estes devem ser necessariamente recolhidos da natureza. Os animais devem ser manuseados obrigatoriamente com luvas ou sacos plásticos e devem ser armazenados em álcool 70% para o teste quanto a presença de *Bd*.
3. Realizar o monitoramento contínuo em áreas com registros de anfíbios infectados pelo *Bd* para verificar o status das populações naturais.
4. Determinar o genótipo da linhagem de *Bd* presente na área com anfíbios infectados. São quatro linhagens de *Bd* com diferentes virulências.
5. Não soltar girinos de anfíbios ou adultos nos corpos de água.
6. Controlar a venda ou remoção ilegal de anfíbios para evitar a dispersão de *Bd*.

O que devo fazer se eu encontrar anfíbios mortos na natureza?



Foto © Vance Vredenburg 2008

Se você observar algum anfíbio com sinal de infecção pelo *Bd* e/ou encontrar anfíbios mortos por favor avisar o quanto antes órgão ambiental de sua região: IBAMA ou ICMBio. Além disso, por favor entrar em contato com a Dra. Tamí Mott pelo e-mail: tamimott@yahoo.com ou pelo telefone (82) 9635 6642.